

A EDUCAÇÃO EM PLATÃO NA OBRA *A REPÚBLICA*

João Paulo Danieli

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e Professor pela SEED - PR
joapaulojb@gmail.com

Carla Cattelan

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Professora pela SEED - PR carla.cattelan@gmail.com

Resumo: A construção desse trabalho é fruto de discussões sobre a história da educação, mais especificamente na Grécia Antiga. Tendo como objetivo fundamentar a proposta e a concepção de educação do filósofo grego Platão, a partir da sua obra *A República*. Platão tem uma proposta educacional bem clara e que esta ligada ao Estado Ideal. Para ele a educação ideal deve estar atrelada a forma de governo, que ele mesmo vai conceber e idealizar. A concepção de educação deve estar no processo educativo feito a partir das etapas ou como ele mesmo propõem em períodos. O seu sistema formativo compreende muitos anos de estudo. Deve-se iniciar bem cedo, com jogos educativos para crianças, que tem como o objetivo desenvolver a harmonia do corpo e da alma, bem como ter o convívio familiar para não serem corrompidas; depois ter o contato com a leitura e a escrita, num processo de alfabetização; também o contato com as artes militares; e, por fim, com os estudos filosóficos para os mais preparados e bem dotados. Deixa-se claro que essa proposta, é uma educação idealizada por Platão. Para a realização desse trabalho seguimos alguns passos metodológicos, como: levantamento bibliográfico e no desenvolvimento teórico. Espera-se que o trabalho possa servir para conhecer e entender melhor a concepção de Educação elaborada por esse filósofo grego.

Palavras-chave: Educação, Estado, Etapas Formativas e Cidade Justa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem origem a partir de leituras, discussões e reflexões sobre a educação na Grécia Antiga. Realizado a partir de levantamento bibliográfico, buscaremos apresentar brevemente, qual concepção de Educação que o filósofo Platão¹, apresentava no século IV a.C.

O estudo sobre a concepção de educação em Platão está baseada em sua obra *A República* e ligada a construção da Pólis² (Estado) e da sociedade ideal. A educação exerce

¹ Platão é descendente de uma família aristocrática de Atenas, nasceu por volta de 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Escreveu suas primeiras obras em torno de 396-395 a.C. em Atenas, tais como *Apologia de Sócrates*, *Eutifron*, *Criton*, *Hípias maior*, *Cármide*, *Lachês*, *Lísis*, *Protágoras* e *Górgias*. Estas obras foram baseadas e seguem fielmente o método do diálogo socrático. Em Atenas fundou a Academia, onde convivia com seus discípulos. Procurava não discutir, tendo em vista a experiência que teve com Sócrates. Para a Academia, selecionava discípulos com base em seus conhecimentos, dando especial atenção às matemáticas. Nesta época escreveu seus livros metafísicos, fundando um novo tipo de discurso, tendo como centro a teoria das Ideias. As obras escritas foram *Menexeno*, *Eutidemo*, *Crátilo*, *Mênon*, *Banquete*, *Fêdon*, *Fedra*, *República*. Em torno de 367 a.C., então na Sicília, elaborou *Parmênides*, *Teeteto*, *Sofista*, *Política* e *Filebelo*.

² Segundo Cambi a Pólis, “entre os séculos VIII e VII, assinala um ponto de partida, uma verdadeira inversão, já que nela a vida social e as relações entre os homens assumiram um forma nova: temos um extraordinária presença da palavra, que torna instrumento político e alimenta a discussão e a argumentação; as manifestações mais importantes da vida social tem um caráter de plena publicidade, ligadas que estão a interesses comuns” (1999, p. 78). Para Teixeira: a “pólis representa um princípio novo, uma forma mais consistente⁴ e mais acabada da vida social, de significação muito maior que nenhuma outra para os gregos” (1999, p. 27).

um papel fundamental na constituição da comunidade perfeita segundo Platão, formando os cidadãos gregos.

A análise a respeito do conceito de educação em Platão está ligada a concepção do Estado ideal para o autor. A formação desta Pólis está intimamente relacionada com o sistema educacional, permanecendo interligados os conceitos de democracia, sociedade ideal, conhecimento e educação.

Costa demonstra que na época em que Platão viveu, Atenas vivia um regime aristocrático, com o governo sendo exercido diretamente na Assembleia através da participação dos cidadãos gregos. Porém, o autor ressalta que o conceito de cidadão era restrito. Neste grupo estavam contidos apenas os homens livres e nascidos na cidade. Ou seja, estrangeiros, mulheres e escravos não tinham cidadania e não poderiam participar da decisão dos rumos da cidade (2008, p. 02).

Robinet explica que Platão desenvolve toda a sua teoria da educação por ocasião de sua preocupação com a justiça e suas implicações morais e políticas, portanto é necessário desenvolver uma relação da educação com o Estado (2004, p. 36). Neste artigo será descrita a função da educação segundo o filósofo e como ele a concebeu e a idealizou em seus escritos.

METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, a metodologia de pesquisa sobre o objeto de estudo, foi realizado a partir de *levantamento bibliográfico*. Num primeiro momento a obras do autor, posteriormente livros que analisam e comentam a temática. Isso contribui para construirmos a fundamentação teórica e para ser coerente com a proposta do autor.

Para tal levantamento bibliográfico em que se estrutura o presente trabalho, apresento a principal obra de investigação da temática, *A República*. Nos comentadores autores renomeados sobre a própria temática, como: Evilázio F. B. Teixeira e Ademir Costa; e, além dos que discutem a História da Educação: winfried Bohm, Mario A. Manacorda, entre outros.

EDUCAÇÃO E O ESTADO

Para compreender a relação entre Estado e educação começamos pela composição da Pólis segundo Platão. Para ele, a cidade é repartida em três classes: os governantes, que garantem o governo da cidade sob as leis; os guardiães auxiliares, responsáveis pela defesa da cidade; a classe dos produtores, garantidores da sobrevivência material da sociedade.

Os seres humanos possuem, de acordo com Platão, também três elementos que os constituem: alma concupiscente, que procura satisfazer as necessidades do corpo, o prazer; a alma irascível/colérica, que é o responsável por defender o corpo contra as agressões, pela agressividade e pela reação à dor na proteção da vida; e a alma racional, representada pelo conhecimento, pela experiência, na forma de ideias verdadeiras.

A definição de homem justo para Platão é aquele que usa a razão, que, através da alma racional, governa a cólera e o desejo, sendo, virtuoso. Assim, sob domínio da razão, a alma concupiscente teria a qualidade da temperança e a alma colérica a virtude da coragem.

Sócrates – Que diríamos delas, senão que subsiste em sua alma o princípio que ordena beber e aquele que o proíbe, diverso e mais forte que o primeiro?

Glauco – Acho que é isso mesmo.

S – E o princípio que impede uma tal coisa não provem da razão, enquanto aquele que move e impede não provem da paixão e da doença?

G – Parece que sim.

S – Com razão, pois, consideramos esses dois princípios diversos e distintos entre si. Racional é aquele que induz a raciocinar, irracional e concupiscente, companheiro das satisfações e dos prazeres, aquele que leva a satisfazer o amor, a fome, a sede e as outras paixões.

G – Sim, acho que com razão deveríamos considerá-los assim.

S – Dessa maneira, aceitamos a presença em nossa alma desses dois princípios. E aquele emotivo, aquele que nos impede a emoção, é um terceiro princípio ou se inclui num dos dois outros?

G – Talvez no segundo naquele concupiscente.

E continua,

S – Você está compreendendo muito bem o que quero dizer, mas gostaria de considerar também outra coisa?

G – Qual?

S – Que a emoção nos aparece agora como o oposto do que há pouco imaginávamos. De fato, julgávamos então que fosse algo de concupiscente, ao passo que agora estamos bem longe de semelhança afirmação. Pelo contrário. Quando houver revolta da alma, a emoção toma as armas em favor da razão.

G – Exatamente assim.

S – sendo, contudo, diferente também da razão, é uma parte dela e então os princípios da alma são dois e não três, o racional e o concupiscente? Ou, por outra, como existem três classes no Estado – os assalariados, os defensores e os governantes – assim também na alma esse terceiro princípio deve ser o elemento emocional que se alia com a razão, se essa não estiver corrompida por uma má educação? (Platão, 2007, p. 152-154).

A mesma analogia pode ser feita para os três componentes da cidade. Os sábios governantes são análogos à alma racional dos homens e governam a Polis através de sua sabedoria e razão. Os guerreiros, semelhantes a cólera humana, são os responsáveis pela defesa e proteção da cidade. Por fim, os produtores devem garantir a produção e

sobrevivência material do Estado, assemelhando-se à alma concupiscente. Assim, os militares e os produtores estariam subordinados aos legisladores da Pólis.

Platão se dedica a refletir como selecionar os guardiões. Eles devem ser enérgicos para defender o Estado em suas relações com o exterior e proteger a Pólis, mas como são responsáveis pela harmonia interna e unidade administrativa, também devem possuir caráter brando, sendo guiados pela sabedoria. Seguindo por este raciocínio, Platão defende que a cidade deve ser administrada por filósofos e homens da ciência, que tornariam a cidade justa. Qualquer outra classe que governasse a Pólis colocaria outros objetivos acima do bem comum, corrompendo a administração da Pólis. Esta conclusão encontra-se nessa passagem:

Sócrates – Também sob esse aspecto, portanto, a posse da própria perfeição e o cumprimento do próprio dever poderiam ser definidos como justiça.

Glauco – Perfeitamente.

S – Vamos ver se você pensa como eu. Se um carpinteiro decide fazer o trabalho do sapateiro e o sapateiro aquele do carpinteiro, se trocam entre si as ferramentas ou os salários, ou ainda, se a mesma pessoa tenta exercer as duas tarefas, enfim, se todas as artes e ofícios fossem trocados, acha que disso decorreria grande prejuízo para o Estado?

G – Não muito.

S – Se, por outro lado, um artesão ou qualquer outro dotado por natureza para os negócios, inflado pela riqueza ou pelo prestígio entre seus concidadãos ou pela força ou ainda por qualquer outra coisa desse tipo, tentasse entrar no quadro dos guerreiros, ou algum dentre os guerreiros no conselho que administra o Estado, mesmo sendo indigno, e todos esses trocassem entre si suas funções e seus salários, ou ainda quando uma só e mesma pessoa tentasse fazer tudo isso, então sem, creio, e você comigo, que essa troca de funções e essa confusão seriam a ruína do Estado.

G – Fora de qualquer dúvida.

S – Portanto, a confusão entre as três classes e suas trocas recíprocas trazem prejuízo irremediável para o Estado e poderiam, de pleno direito, ser consideradas crime.

G – Claro que sim.

S – E o crime mais grave cometido contra o próprio Estado não o definiria você de injustiça?

G – Mas que dúvida!

S – Nisso, portanto, consiste a injustiça. Ao contrário, poderia ser justiça e contribuir a tornar justo o Estado, a divisão das funções entre os mercadores, os auxiliares, os defensores, sempre que cada uma dessas três categorias cumprisse seu próprio dever?

G – Parece-me que não pode ser de outra maneira (PLATÃO, 2007, p. 145).

Assim começa a surgir mais claramente a necessidade e o papel da educação na ótica platônica. A ideia de justiça para Platão desenvolve-se através da definição de uma Pólis justa e ideal. Por isto, surge o questionamento de como formar as classes dirigentes do Estado, para que estes possam tornar a cidade justa.

Outro aspecto importante para Platão na época está relacionada a forma de administração política da cidade. Conforme visto, os cidadãos participavam das decisões e do governo da Pólis através de discursos nas Assembleias. Isto acabou influenciando a educação

dos jovens da época, pois ajudava a definir o êxito deles, que estava relacionado com sua capacidade oratória e de participação nas decisões democráticas. Neste contexto surgiram os sofistas, grupo de pessoas disposto a ensinar a capacidade de discursar, sem preocupações com os conceitos de verdade, justiça, bom e belo. Para este grupo, a justiça era baseada na vantagem do mais forte, confrontando os valores de Platão, que os considerava corruptores dos jovens da época.

Tendo isto em vista, os sofistas procuravam formar jovens, principalmente os de elite, com conhecimentos técnicos, de boa oratória, preparando-os para desempenhar papéis relevantes na administração pública através do seu poder de convencimento, sem preocupações com a formação moral, a virtude, a justiça e o bem comum. Exatamente o oposto do que Platão defendia, que era a formação de cidadãos em diversos campos, mas tendo como base a construção moral do homem, ensinando a virtude, a justiça, o belo e o bom. Em especial o ensino dos dirigentes públicos deveria ser orientado para a vida justa, em busca da cidade justa e ideal.

Platão faz uma crítica a democracia, pois todos os cidadãos participam do poder por meio de discursos. Este sistema político desenvolve, segundo Robinet a liberdade individual, o espírito crítico e a separação entre o conjunto e o indivíduo. Porém, os indivíduos, que participa da decisão dos rumos da Pólis, tem opiniões, interesses diversos e divergentes, o que pode arruinar a coesão e a unidade da cidade. O acesso ao poder é uma forma de defender os interesses particulares, individuais, em detrimento do bem coletivo. Neste sentido, para Platão, a democracia inverte o princípio do governo. Para o governo adequado, não é importante e necessário que todos os homens participem das decisões, pois nem todos são capazes de suprimir seus interesses particulares pelos da comunidade. Assim, o governante e o governo deveriam se basear na competência e não na palavra, na persuasão. Para Platão, a república é feita pelo povo através do desenvolvimento de suas atividades, das suas funções naturais, fazendo a comunidade subsistir através de uma ordem justa e natural, aonde cada um ocupa seu lugar de direito. Mas, segundo a lógica platônica, nem todos os homens podem governar, uma vez que não são capazes de subordinar os interesses particulares aos universais, condição fundamental para a constituição da Pólis justa e ideal. Assim, Robinet explica que a República ideal para Platão seria a supressão da assembleia e a formação de uma elite desinteressada e competente, através de rigorosas seleções (2004, p. 28-29).

Sócrates – A nós, portanto, que fundamos um Estado incumbe obrigar os de melhor caráter a dedicar-se ao que definimos antes como a coisa mais importante, ou seja, a contemplar o bem e a se empenhar em enfrentar essa subida. Quando a tiverem

galgado e tenha visto o suficiente, não devemos permitir a eles o que agora lhe é permitido.

Glauco – O quê?

S – De ficar lá em cima, recusando-se a descer novamente entre aqueles prisioneiros e a participar de suas fadigas e de seus prêmios, por frívolos ou sérios que pareçam.

G – Mas então estaríamos exercendo coação sobre eles e os obrigá-los a viver pior do que poderiam?

S – Uma vez mais você esqueceu, meu amigo, que a lei não visa o bem-estar absoluto de uma só classe de cidadãos, mas ao contrario procura que no Estado este seja alcançado com a concórdia entre todas as classes, seja por meio da persuasão, seja pela coação, obrigando a todas a repartir entre si a contribuição que cada uma delas esta em condições de trazer para a coletividade. Se a lei assim os torna cidadãos, seu objetivo não é o de deixá-los livres para fazer o que quiserem, mas de obrigar a cada um a colaborar para a concórdia do Estado.

G – É verdade, eu tinha esquecido.

S – Observe, portanto, Glauco, que não vamos agir de modo injusto com os filósofos que se formaram conosco, mas lhes colocaremos boas razões pra obrigá-los a cuidar dos demais concidadãos e a protegê-los. (PLATÃO, 2007, p. 249).

Seguindo por este caminho, Costa explica que os sofistas afirmavam que podiam advogar teses opostas, dependendo da necessidade e dos interesses momentâneos, relativizando, assim, a moral, o justo e outros valores. Já Platão compreendia a virtude como uma busca continuada, que deveria prosseguir por toda a vida através da educação, do conhecimento, permitindo a apreensão do justo, do belo e do bem. Por isto Platão defendeu em sua obra que a educação dos governantes deveria continuar além da juventude e prosseguir por toda a vida, exigindo, também, uma atitude de dedicação e esforço considerável. A concepção de educação de Platão e sua preocupação estava, portanto, ligada ao contexto histórico de Atenas. O filósofo se opunha a forma de regime político existente, a democracia, pois permitia que cidadãos sem formação moral, despreparadas e sem compromisso com o bem comum governassem os rumos da Pólis (2008, p. 10-11).

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA PLATÃO

Platão idealizou³ inovações quanto ao sistema educacional. Segundo o autor, o Estado deveria promover a educação dos cidadãos e esta deveria ser universal e sem diferenciação entre os gêneros. Uma Pólis justa e ideal deve evitar os excessos e cuidar da educação. A educação também deveria formar pessoas “republicanas”, solidárias, que colocassem o bem comum, a sociedade, o conjunto, acima dos interesses individuais. Este objetivo estava ligado a necessidade da construção moral dos governantes ideias da Pólis

³ Segundo Teixeira, o ideal platônico de educação é em vista a formação do dirigente político. E esta formação deve ser realizada através de valores universais. E uns destes valores é a verdade. Para ele todo o sistema educativo de Platão esta construído sobre o alicerce da verdade e sobre a possibilidade de se conquistar a verdade através da atividade racional (1999, p. 23).

justa, segundo a ótica platônica. Esta educação deveria, portanto, apontar os melhores, os gênios para que assumissem a direção do Estado após receberem a formação completa. “A educação compete também descobrir as qualidades e as limitações individuais e distribuir as novas levas pelas varias classes sociais, segundo as aptidões naturais de cada um, temperadas e desenvolvidas pela educação”⁴ (MONDIN, 1981, p. 76).

Outro ponto importante está na defesa da criação dessa classe superior, através da eugenia⁵ e da seleção da reprodução em busca do nascimento de crianças “melhores”. Assim, os governantes deveriam organizar casamentos visando a seleção dos melhores e educar estas crianças em comum.

O sistema de educação idealizado por Platão compreendia vários anos de estudo. Inicia-se bastante cedo, com jogos educativos para crianças e evolui com o objetivo de desenvolver a harmonia do corpo e da alma chegando nos avançados estudos filosóficos para os mais preparados e bem dotados. Ainda para ele, as crianças, estando no período mais importante da educação, poderiam ser influenciadas e corrompidas pela convivência familiar e, portanto, deveriam ser tiradas dos pais e viver no campo.

Com efeito, uma criança não sabe distinguir o que é alegórico daquilo que não o é, mas as impressões da infância permanecem indelévels e imutáveis. Por isso é de máxima importância que sejam contadas às crianças primeiramente as fábulas mais adequadas para conduzi-las à virtude (PLATÃO, 2007, p. 79).

O sistema educacional seguiria as seguintes fases: dos três aos seis anos de vida, nos primeiros ensinamentos, as crianças participariam de jogos educativos, sem objetivo de competição, mas sim o de formar o caráter. Estariam incluídos exercícios de ginástica de origem militar, principalmente corridas a pé, lutas de esgrima, lutas corporais, arremesso de flecha, dentre outros. Diferentemente do que se pode imaginar, Platão não pensava na formação de guerreiros neste momento e nem de homens prontos para a luta, mas sim da construção moral e da personalidade das crianças. Para ele, crianças que se dedicassem exclusivamente à música e poesia poderiam se tornar afeminados e os que se dedicassem

⁴ Para Larroyo, o fim supremo do Estado é de formar homens virtuosos. E cada classe social cultivaria uma virtude, assim os governantes cuidarão da sabedoria, os guerreiros da valentia e os trabalhadores da moderação, e a harmonia das três estaria na virtude da Justiça. Assim, “na Educação dos cidadãos, para cada função não é o estado ou classe social que deve decidir, mas a aptidão dos indivíduos... Com estas ideias Platão proporcionou o clássico sistema de uma *educação das classes sociais*. O processo formativo leva em conta a variedade de funções coletivas; sem este pensamento da divisão do trabalho social não se poderiam realizar os complexos fins do Estado; e o ensino há de partir deles para preparar do melhor modo para a vida” (1974, p. 167).

⁵ Só para título de informação, a Eugenia é um termo que só vai aparecer no século XIX, com o cientista Francis Galton (1822-1911), que a significou como “bem nascido”. Para ele a eugenia seria o estudo dos agentes sob o controle social. Platão a descreve não no termo “eugenia”, mas como um processo seletivo para aperfeiçoar a sociedade grega na governança.

somente à ginástica corriam o risco de ser insensíveis a cultura, por isto a ideia de uma formação equilibrada. Estes jogos corporais iriam prosseguir até a idade adulta, embora fossem predominantes até os 10 anos de idade.

Arriscaria até a afirmar que um deus concedeu à humanidade duas artes, a música e a ginástica, para dois objetos diversos, o ardor e a filosofia, e só secundariamente para a alma e o corpo, exatamente porque essas duas qualidades se fundem juntas de modo harmônico, atingindo o grau certo de tensão e distensão (PLATÃO, 2007, p.118).

Entre os 10 e 13 anos, os jovens deveriam aprender a ler e a escrever e já entrariam em contato com os estudos dos autores clássicos, desenvolvendo também a prosa e a poesia. Após isto, entraria outra fase bastante relevante para Platão. Após os 13 anos de idade e até os 16, a formação seria voltada para a música, entendida como a arte das musas. Período fundamental para o filósofo, pois neste momento os jovens incorporariam o ritmo e a harmonia musical à suas almas e passariam a admirar e reconhecer o belo, muito ligado ao conceito de bem em sua filosofia, e a rejeitar o feio. Essa formação seria importante para o alcance do saber e da prática de justiça. Além disto, a música seria a porta de entrada para a matemática, a história e a ciência. A matemática, é importante ressaltar, tem um papel muito importante na formação do conhecimento e da educação para Platão e está presente em todos os níveis, aprofundando-se seu estudo a partir dos 16 anos de idade.

Entre os 17 e 18 anos de idade, os jovens entram para o serviço militar, também importante na formação deles e na identificação daqueles que se destacam na ginástica. Neste período, os jovens interrompem seus estudos por alguns anos, até a conclusão do serviço.

Após o serviço militar é um momento crucial para os jovens: acontece a primeira seleção entre os que seguem nos estudos e aqueles que irão seguir outra carreira. Seria feito um teste para escolher aqueles aptos para seguirem os estudos superiores e os que seguiriam para a classe dos produtores. Os selecionados não iriam imediatamente para os estudos filosóficos, mas sim para treinamentos de matemática, ginástica, corpo, mente e caráter que durariam entre os 20 e os 30 anos de idade.

Aos 30 anos de idade, os jovens passariam por um novo ciclo de matemáticas e por outro processo de seleção rigoroso para que os talentos seguissem para os estudos filosóficos e reflexão sobre vários valores caros para Platão e necessários para o governo da Pólis. Os que forem rejeitados para os estudos superiores passariam por mais um processo de seleção em que os mais talentosos iriam servir o exército e defender a cidade. Aos outros, caberia seguir para profissões e ofícios civis.

Aqueles que passaram pelo teste e seguiram nos estudos de filosofia, prosseguiriam nele até os 35 anos de idade, tendo sido educados na dialética e estando aptos a discutir e conhecer o bem e o mal, o justo e o injusto e a verdade. Assim, poderiam penetrar o próprio ser, entrar no mundo das ideias e alcançar a verdade, saindo das sombras do mundo sensível.

Segundo Platão, a formação dos governantes ainda não estaria completa. Após os estudos filosóficos, os homens deveriam viver em sociedade com os homens comuns por 15 anos, testando seus conhecimentos, suas experiências e a sua capacidade de se sustentar. Enfim, aos 50 anos e com a formação completa o homem estaria preparado e poderia se tornar governante e guardião do Estado. Platão ressalta que, isto seria um dever e não uma honra.

Seguindo este modelo educacional, estaria formado o cidadão e o governante filósofo, capaz de governar acima dos interesses particulares, colocando o bem comum acima de qualquer outro interesse. Esse guardião seria justo e alcançaria a verdade, construindo a Pólis ideal pela lógica platônica.

Acredito que ficou claro o objetivo de apresentar o sistema educacional de Platão, e como este a idealizou este sistema em relação ao Estado. Penso que o texto fica com uma indagação, como Platão concebe o conhecimento através da Educação. Espero responder, desenvolvendo uma reflexão a partir da Alegoria da Caverna proposta por Platão.

PROCESSO EDUCATIVO A PARTIR DA ALEGORIA DA CAVERNA

Assim, na obra a republica livro VII, Platão discute a educação dos filósofos aptos a reger e transmitir o conhecimento, através da Alegoria da Caverna⁶. Imaginando que educação dos filósofos como “elevação que parte do escuro aprisionamento as sombras visíveis no mundo empírico, chega a visão dos objetos que jogam sombra, depois a contemplação clara das ideias e, por fim, a percepção da ideia do Bem, que tudo ilumina como o sol. (BOHM, 2010. p. 28). Assim Platão define a educação dos filósofos como a descoberta do “mundo sensível e a ascensão ao mundo inteligível”⁷, contemplando as coisas existentes, dispersando a inteligência e a verdade.

⁶ Um breve resumo para melhor compreendermos a Alegoria: a alegoria mostra homens desde a infância acorrentados, com o rosto voltado para o fundo da caverna, onde só enxergam sombras projetadas pelo fogo que há atrás deles, sombras que eles interpretam como as únicas realidades existentes, ou seja, como a única verdade. A atitude deles é de despreocupação. Eis que um deles resolve sair da caverna e chegar a luz, primeiramente ficara ofuscado e precisarão ser constrangido pelo hábito a ver as sombras, depois os objetos e depois o próprio sol: se voltar para a caverna, não distinguirá mais nada, e os que estão acorrentados não acreditaram nele, e poderão até matá-lo, por afirmarem que a realidade deles é a única existentes e não existindo outra verdade.

⁷ Podemos assim, compreender a questão do mundo Sensível em relação ao mundo Inelegível a partir da Alegoria da Caverna. O sol representaria o Bem; a Luz, a verdade; os olhos e a visão, a alma racional ou inteligência; a cegueira, a ignorância e a opinião; e a privação de luz, a privação da verdade.

A alegoria da caverna revela o obstáculo que o homem encontra na investigação da verdade. A Educação é interpretada como uma realidade que o homem comum não conhece. “O homem nasce nessa situação de caverna, portanto de ignorância. A tarefa do filósofo educador é mostrar o caminho aos acomodados da caverna, para que estes superam seu estado de ignorância” (TEIXERA, 1999, p. 63).

Na Alegoria, Platão apresenta o problema da educação, demonstrando o que o homem pode alcançar a partir da educação (a busca da verdade), e sem ela (estado da ignorância, privado da verdade). A educação é o meio para o qual o homem busque o fim supremo, a verdade. A busca é construída a partir da prática do bem, que é a finalidade da educação. “E bem está associado à sabedoria enquanto busca da verdade. O amor pela sabedoria e pela verdade possibilitará que o bem seja praticado. Eis o objetivo supremo da Educação” (TEIXEIRA, 1999, p. 54).

Na perspectiva da alegoria da caverna, quando um prisioneiro resolve sair e conhecer a luz, a verdade, este caminho é o processo educativo. Ou seja, o educador é aquele que provoca o educando, forçando sair e de desinstalar-se do seu estado de ignorância, abandonando o lugar que é cômodo, do mundo das sombras, para o mundo da realidade, em busca da verdade. O Educador é aquele que cria ocasiões, através do diálogo, da dialética⁸, possibilitando o conhecimento e a superação de seu educando.

“Todo esse processo educativo poderá ser dolorido, pois exige esforço, provoca mudanças, e a experiência humana mostra que abrir-se à novidade da realidade, por vezes, não é uma tarefa fácil. Contemplar a verdade dos objetos iluminados pela luz do sol exige um preço a ser pago: desacomodar-se” (TEIXEIRA, 1999, p. 63-64).

Segundo Teixeira, esta superação de sair de sua realidade é vista como regressão e inferior, num primeiro momento, pois toda nova realidade necessita-se de um tempo de adaptação. Neste tempo, gera incertezas, dúvidas e por isso, acredita-se que a anterior era melhor, mais cômodo (1999, p. 64). O próprio Platão assim descreve: “e se ele fosse obrigado a fitar a própria luz, não acredita que lhe doeriam os olhos e que procuraria desviar o olhar, voltando-se para os objetos que podia observar, considerando-os então, realmente mais distintos do que apenas que lhe são mostrados?” (PLATÃO, 1985, p. 48). A realidade dos prisioneiros era um conhecimento dado, estava ali, não precisava de esforço, de dedicação, de

⁸ Em todos os diálogos de Platão, encontramos a dialética. E nela existe um processo de divisões e de aproximações, que permite o homem a falar e pensar, passando do mundo sensível para o inteligível. A dialética platônica tem como o centro a própria vida. “A esfera da dialética é a esfera da vida. Educar implica aprender a perguntar sobre a vida, na ida e com a vida. A vida também trás perguntas. O homem não apenas pergunta pela vida. Senão também é perguntado por ela” (TEIXEIRA, 1999, p. 46).

entrega (para eles as sombras dos objetos eram dadas como verdade). O conhecimento é alcançado quando se liberta e se desprende do seu estado de ignorância do senso comum. A educação desta forma, é um elemento de “conversão”, de mudança de mentalidade.

“A saída da caverna é um aprender. A educação aparece aqui não apenas como superação, mas sobretudo, como ocasião de colocar o prisioneiro diante da sua própria verdade. A mudança de verdade é antecedida pela mudança daquele que a vê. Por isso, todo esse processo comporta crise. E a crise se manifesta como mudança radical de mentalidade e de atitude diante da realidade. Mudança que nem sempre é fácil” (TEIXEIRA, 1999, p. 66).

Dessa maneira, a educação não deve ser vista apenas como um instrumento de conhecimento de saber artificial, dado e exterior como os ensinamentos dos sofistas. O conhecimento, a busca da verdade é uma atividade uma ciência do interior de si próprio, da atividade racional. Por isso que,

“a pedagogia platônica não se limita a transmissão de conhecimento por meio de ensinamentos e aulas ou ao exercício de habilidades por meio da adaptação e da socialização, tampouco a evolução de capacidades pelo desenvolvimento e assistência ao desenvolvimento. Ela almeja a convenção e a transformação do Homem como um todo, do mundo aparente dos objetos individuais mutáveis e das opiniões lá reinantes para o mundo real e confiável das ideias e do conhecimento da verdade que lá é possível. Este conhecimento não vem de fora, mas, em última instância, é a lembrança e a atividade da própria razão” (BOHM, 2010. p. 28).

A educação a partir da alegoria da caverna, tem o papel de libertar o homem do estado de alienação que ele se encontra. É preciso transcender as aparências ilusórias da realidade e vislumbrar o verdadeiro mundo do real, que é para Platão o Mundo das Ideias⁹. Educar em Platão consiste em “ajudar o educando a ascender sempre para o alto, a fim de poder contemplar o mundo superior. A ascensão da caverna simboliza a caminhada da alma em direção ao mundo inteligível; é portanto, uma libertação” (TEIXEIRA, 1999, p. 67).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que em Platão temos a Educação atrelada ao Estado. Todo o processo educativo que Platão desenvolve é em busca de um Estado Ideal para construir uma cidade Justa. Assim, toda etapa formativa das pessoas deve ser sempre com esta finalidade. Por isso,

⁹ Para Platão existe o mundo sensível, que é o mundo concreto, onde vivemos; e o mundo inteligível, que é as ideias que concebemos como, verdade, bondade, justiça, beleza, etc., este, é o Mundo das Ideias e quem o constrói, segundo Platão é o Demiurgo.

o Estado Ideal precisa da educação como instrumento para chegar a verdade e ter acesso aos valores de justiça e de bem, base do Estado Platônico.

Com essa proposta do atrelamento da educação ao estado, Platão vai revolucionar o pensamento educacional da sua época. Deixamos claro, que essa proposta é apenas utópica e não temos registro histórico de sua aplicação e efetivação. Acreditamos que deixa um marco na história da educação, mais ainda, quando propõem na alegoria da caverna, a forma de atingir o conhecimento no processo educativo da aprendizagem entre educador e educando, que é a passagem gradativa da superação da ignorância, das aparências, do conhecimento do senso comum para o conhecimento elaborado, científico, ou seja, a busca da verdade.

Por fim, acreditamos tudo o que o homem faz é um produto do conhecimento humano e daquilo que ele faz, pois a educação é própria dos seres humanos. Por isso, necessitamos do processo educativo, que leva o homem a aprender e a se educar. Dessa maneira, compreender a educação é compreender o ser humano. Logo, educar o “homem” implica ajudá-lo a tornar-se humano. Por isso, esperamos aprofundar mais essa temática, ela não se esgota devida sua importância e suas reflexões para o processo formativo.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHM, Winfried. **História da Pedagogia de Platão a atualidade**. 3ª Ed. Florianópolis: Conceito Editorial, 2010.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. 3ª Reimpressão. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, Ademir. **Estado e Educação em Platão**. Revista de Pedagogia Perspectivas em Educação. Edição nº 03: ano 01, Maio/Jun/Ag. de 2008.

LORROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. São Paulo: Mestre JEU, 1974.

MANACORDA, Mario A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. Trad. Gaetano Lo Mônaco. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. Volume 01. 10ª Ed. São Paulo: Paulus, 1981.

PLATÃO. **A República**. Trad. Ciro Mioranza. 2ª edição. São Paulo: Escala, 2007.

_____. **A República: capítulo VII**. Comentários de Bernard Piètre. Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília: UNB, 1985.

ROBINET, Jean-François. **O tempo do pensamento**. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, Evilázio F B. **A educação do Homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.